

# CAROL BRAGA<sup>i</sup>

## PERNAMBUCO

### despejo<sup>1</sup>

ATENÇÃO, ATENÇÃO

estou aqui diretamente de coimbra, portugal  
para marcar no calendário o nosso despejo  
um padre, um advogado, um grupo de idosos e uns herdeiros  
assinaram um acordo:  
lugar de mulher é do lado de fora da minha casa  
lugar de imigrante é do lado de fora de portugal  
é dito:  
do lado de fora vocês também não podem ficar

coisa que se *despeja*  
aquilo que se deita fora, dejetos, imundície, lixo  
ato de evacuar

qual tipo de identidade uma imigrante pode criar?

uma cidadania que não é permitida ser  
num sentido que ainda não é

estar entre

agora mesmo estou sem margens  
muito estrangeira para voltar pra casa,  
mestiça demais para estar aqui  
nunca o bastante para nem cá nem aí  
na beira da ponte dos não-lugares  
onde ninguém fica  
é só parte do caminho  
nunca num lado nem no outro

é tão ruim assim não pertencer?  
no final, a gente cria essa ilusão globalizada

---

<sup>1</sup> “despejo” foi performado na Final Nacional do 7º Festival Nacional Portugal.SLAM! 2021, na cidade de Coimbra. O poema está publicado no livro *minha raiva com uma poesia que só piora* (Urutau, 2021) e traduzido para o inglês e o francês na fanzine *Imigrante* (Chuvisco Editora, 2022).

de que não pertencemos,  
porque não temos terra  
quem não tem terra para morar,  
não é fértil

mas temos pátrias, dialetos, línguas e raízes

minha língua virou ruína  
antes deu nascer  
minhas raízes criaram asas  
minhas músicas, minhas danças,  
minhas comidas,  
minhas avós  
não me abraçam mais

hoje não vou gritar  
desesperadamente “em português”

u i v o o o o o o o

porque  
a língua portuguesa não é  
o suficiente  
para expressar  
o que eu quero  
BERRAR  
porque  
se eu me animalizar  
talvez apareça uma ong de proteção de animais  
para nos auxiliar

enquanto  
ouço meu sotaque  
me espanto  
com a falta de canto  
transplanto  
as vogais abertas  
e o excesso da pluralidade certa  
boto uns artigo nos nome  
e chego cada vez mais perto da língua paterna  
que alterna a minha civilidade  
da minha bestialidade subalterna

tomar consciência  
da nossa parte bestial  
é ter a decência

de admitir a real  
vivência humana  
mundana, urbana  
de ser vista como animal

nego a civilização  
imposta pela cana  
renego a emoção  
paternal e insana  
da miscigenação boa  
da mestiça que perdoa  
ser vista como desumana

olha com a atenção  
que tu mira minha nudez  
sinhô não é irmão  
e eu não repito pra burguês  
vê se não me gonga  
que pra mim é uma honra  
não ser uma de *vocês*.

---

<sup>i</sup> **carol braga** é poeta nascida e criada no Recife, Pernambuco, Brasil. Performa poesia falada, acrobacia aérea circense e teatro. Campeã do 7º Festival Nacional Portugal.SLAM! 2021 - primeira e única mulher a ganhar o nacional português - representou o país na Coupe du Monde de Poetry Slam 2022, em Paris, na França. Seu primeiro livro "minha raiva com uma poesia que só piora" (Urutau, 2021) é obra semifinalista do Prêmio Oceanos 2022. Também é autora da fanzine "Imigrante" (Chuvisco editora, 2022) e coautora do livro de poesia erótica "Insulto a Decência" (Hecatombe, 2022). Tem textos publicados em diversas antologias e revistas no Brasil e em Portugal. É coautora da dramaturgia do espetáculo "Luanda-Recife" (2022), inspirado no seu poema "minhas antepassadas" e encenado no Festival de Teatro e Artes Performativas Mimesis, em Portugal. Cofundadora do Slam das Minas Coimbra, o primeiro coletivo de batalha de poesia falada só de mulheres em Portugal, organizou diversos eventos de poesia falada e poetry slam em Portugal. É historiadora pela UFPE, mestre em História Social pela UFF e doutoranda em Ciências Sociais na UBA, na Argentina. Atualmente, vive no Recife, onde é educadora popular e militante pelo direito à habitação e à terra. **E-mail:** caroltbraga@gmail.com